

**De Praça Victor Civita à Praça da Madeira: uma proposta de Permacultura
em um espaço público**

Carlos Henrique Albano

Mestrando Profissional em Geografia, FCT/UNESP- Presidente Prudente/SP - Brasil
carlos.albano@unesp.br

Fernando Sergio Okimoto

Professor Doutor, FCT/UNESP- Presidente Prudente/SP - Brasil
fs.okimoto@unesp.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma proposta de aplicação de Permacultura urbana utilizando, como recorte geográfico e socioambiental, a Praça Victor Civita que fica localizada no Município de São Paulo. Após ser um modelo de local sustentável, o término da parceria público privada levou a área a um estado de abandono e a infraestrutura, antes exemplar, tornou-se um problema administrativo para o Poder Público. Através da fundamentação do *Placemaking*, foi elaborado um questionário e aplicado aos principais atores envolvidos no interesse de recuperar a praça, tornando possível a utilização de tecnologias sociais e implementação da agroecologia como instrumentos de reconstrução. Ao final, tornou-se uma proposta da mudança informal de nome do local para “Praça da Madeira”, implementando alguns princípios éticos, operacionais e metodológicos e elementos usuais da Permacultura. O produto mostrou que tal método pode contribuir para uma sociedade autônoma e uma comunidade ativa, capaz de dar novo significado a espaços públicos com cooperação e interatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Permacultura, Tecnologias Sociais, *Placemaking* e Agroecologia.

1 INTRODUÇÃO

Quem observa o bairro de Pinheiros na zona oeste da cidade de São Paulo logo identifica uma característica factível de regiões metropolitanas, a mistura do novo com o velho. Contrastando com os novos edifícios envidraçados no corredor da avenida Faria Lima, próximo ao Largo da Batata, intra-bairro existem casas pequenas e sem muros, que resgatam o período operário do local em questão.

Realidade essa também notável no objeto de estudo deste trabalho, a Praça Victor Civita. De uma área abandonada as margens do Rio Pinheiros, condenada por ter abrigado um dos primeiros incineradores de resíduos do Município, tornou-se pela parceria público privada uma praça sustentável, modelo de projeto arquitetônico e de recuperação de área urbana.

Porém, assim como a vida na metrópole muda rápido, a paisagem também. Dez anos após o início do projeto a parceria terminou e a praça Victor Civita passou de redenção a um novo abandono, agora carregada de uma estrutura, que apesar da qualidade intrínseca é frágil pela necessidade de manutenção contínua.

Assim, surge como uma nova revitalização, essa proposta de um projeto Permacultural, pois esse método tem como um dos princípios “use criativamente e responda as mudanças” (FERREITA NETO, 2018, pág. 76). Do mesmo modo seria viável a reconstrução da praça contando com soluções de baixo custo, integração com a comunidade e atenção aos detalhes, para harmonizar o todo.

Portanto, o objetivo deste trabalho é, sobre os preceitos da Permacultura, implementar uma ação social do *Placemaking*, baseado nas tecnologias sociais. Partindo da premissa que, conhecendo as demandas dos principais usuários, seria possível a revitalização do lugar. A agroecologia seria uma ferramenta compatível à execução desse plano devido ao alinhamento com as características estruturais da praça e de alguns frequentadores costumaz.

Para tanto a primeira tarefa foi incluir os desejos dos frequentadores do local no projeto, através de um questionário fechado que pudesse demonstrar quais as principais atividades requisitadas pelo público. Para o implementar as ações de *Placemaking*, será necessário a ajuda da comunidade, principalmente de um coletivo social formado por uma diversidade de sujeitos e um interesse em comum: recuperar o local. A agroecologia seria a versão mais próxima a fusão de todos os elementos da Permacultura, capaz de unir o coletivo social a presença de alunos de uma escola técnica próxima, que pode também auxiliar na reconstrução dos lugares.

Fato é que são incomuns nesse bairro a presença de praças abandonadas, por ser um bairro de classe média paulistana existe uma valorização das áreas verdes, até mesmo sua localização ao lado da subprefeitura de Pinheiros deixa mais difícil o entendimento de tal abandono. Contudo o perfil do seu público justifica, não só a revitalização, como a Permacultura enquanto proposta. Composto de moradores do bairro, entregadores de aplicativo, alunos secundaristas e moradores de rua, todos merecem uma praça melhor, e que represente, mesmo que minimamente parte dos seus desejos.

É nisso que esta intervenção se apoia, a mudança da Praça Victor Civita em Praça da Madeira será uma transformação feita pelas pessoas e para as pessoas da comunidade, demonstrando a autonomia social e a capacidade de gerência popular. Promover indivíduos conscientes e ativos é uma das metas da Permacultura, e certamente pode ser aplicada em ambientes urbanos.

2 OBJETIVOS

Identificar as demandas da sociedade que frequenta a praça para *Placemaking*, revitalizar o espaço (equipamentos e construções) utilizando as tecnologias sociais, implementar a agroecologia nos espaços reservados para agricultura, atualmente ociosos.

2.1 Objetivos Específicos

Este trabalho busca primeiramente compreender quais os desejos dos frequentadores do local, tanto o público morador do entorno da praça, quanto o externo com frequência pendular, através de questionários e entrevista que demonstrem interesses similares e distintos, sempre baseados nos preceitos de permacultura e do interesse coletivo para criação de lugares.

Após isso buscar formas de revitalizar a praça, contando com o apoio da comunidade, sobretudo de uma escola técnica próxima, que pode oferecer tanto apoio técnico quanto operacional na busca por tecnologias sociais, mantendo como prioridade seus aspectos sustentáveis, previsto no projeto de arquitetura original.

A agroecologia seria o instrumento principal da reorganização espacial, entendendo o potencial da área, permitindo o contato dos interessados em trabalhar com o solo, em uma produção agroecológica urbana e prestando serviço de assistência a grupos de vulnerabilidade que frequentam a praça.

3 METODOLOGIA/MÉTODOS DE ANÁLISE

3.1 área proposta

A Praça Victor Civita está localizada na rua Sumidouro, 580, no bairro de Pinheiros em São Paulo, próxima a estação de metrô e ao terminal de ônibus que leva o nome do bairro e faz divisa com a sede da SABESP e com a subprefeitura. Ocupa a planície aluvial do Rio Pinheiros e não foi, inicialmente, ocupada por ser um fundo de vale. Está na altitude de aproximadamente 720 metros e possui uma vegetação arbustiva média e alta e arborescente.

Apesar da localização privilegiada, por estar situada em um bairro central da zona oeste paulistana, o local abriga aquele que foi o primeiro incinerador de resíduos da capital paulista, hoje desativado e que abriga um espaço destinado a mostras culturais.

Figura 1: Croqui Praça Victor Civita



Fonte: Levisky Arquitetos Associados e Anna Julia Dietzsch, 2007.

Para isolamento do solo degradado, foi escolhido a construção de um deque de madeira, que atravessa a praça, desde a entrada, e dá acesso a todos espaços compartilhados pelos usuários. Ainda foi implementado um jardim filtrante, placas solares para geração de energia elétrica, lugares de manifestação cultural e artística, além de espaços pra hortas e laboratórios de plantas, o antigo incinerador foi transformado em um museu de sustentabilidade.

Em 2018 a parceria pública privada acabou e a Editora Abril deixou de administrar a praça, deixando sua gestão com a subprefeitura. A praça encontra-se em uma situação muito parecida com a que estava anterior a reforma, com o agravante de agora constar com uma infraestrutura que necessita de manutenção e cuidado. Desde então conta com o anseio de moradores e frequentadores do local para sua restauração, surgiu até um grupo, intitulado “Coletivo Praça Vita” formado pela comunidade local interessada na reorganização, que foi renomeada pelos usuários como “Praça da Madeira”.

3.2 Metodologia

As propostas deste trabalho serão baseadas nos preceitos da Permacultura, este termo surge no decorrer dos anos 1970, teve como origem os pesquisadores Bill Mollison e David Holmgren. De acordo com Ferreira Neto (2018) a meta dos fundadores era procurar um método agrícola que se estendesse no tempo, de maneira “permanente”.

No decorrer de sua trajetória de práticas e estudos a permacultura constrói um caminho para “planejamento de assentamentos humanos sustentáveis” (FERREITA NETO, 2018, pág. 74), tornando-se uma ciência de design dos espaços em todas as suas escalas, baseados em 3 premissas 12 princípios e 4 eixos.

Importante para realização do desenho, que todos os subsídios estejam postos de uma forma holística, compreendendo a relação de todos os elementos do ambiente para compor

uma intervenção na realidade, tendo como proposta caminhos alternativos como a bioconstrução, agricultura orgânica e natural, energias limpas e manejo ecológico da água. Tudo isso conduzido por uma ética que condena a competitividade, o individualismo e a dominação antrópica sobre a natureza, de uma forma transversal e transdisciplinar. “A existência dessa ética é um dos instrumentos de controle e autorregulação da permacultura e seus praticantes, pois, sem o devido respeito às suas premissas” (FERREITA NETO, 2018, pág. 76).

É importante destacar que a permacultura, no decorrer do seu desenvolvimento, deixa de ser somente uma metodologia alternativa de agricultura e absorve em seus conceitos os ambientes urbanos, sobretudo após os anos de 1980. Como este trabalho trata de um espaço público urbano, encrustado na Região Metropolitana de São Paulo, cheio de problemas e contradições, a permacultura é uma iniciativa possível. Conforme destaca Ferreira Neto (2018) muitas cidades pelo planeta abrigam iniciativas e pessoas envolvidas na permacultura. Destaca-se além da flexibilidade de seus conceitos a pertinência da prática e da ética, sobretudo por chamar atenção para a pauta ambiental, tema tão relevante em se tratando de ambientes carregados de desastres e impactos ambientais como as cidades.

Ressalta-se que antes de implementação das práticas será necessário observar as particularidades do local a ser revitalizado. Por isso a realização dos questionários com o público frequentador da praça Victor Civita, entendendo o contexto e as especificidades não somente do lugar, mas também das pessoas, para buscar uma conexão com a realidade planejada e a pretendida. “Dialogue mais profundamente com as pessoas que vivenciam e constroem tal realidade, sem os contornos de algo exógeno àquelas existências” (FERREITA NETO, 2018, pág. 95).

Já o *Placemaking* é uma metodologia para a transformação dos espaços públicos em lugares vivos, centrada na temática do uso pela comunidade, tendo este papel fundamental no processo, desde o planejamento até a implementação. Em uma tradução livre trata-se do conceito de “fazendo lugares”. É fundamental que esses lugares sejam dotados de sentido social e interação, como reprodução de permanência por vivência ou lazer.

Nas palavras de Tavares (2017) questões urbanas necessitam seguir um aspecto de baixo para cima (*bottom up*) ao contrário das abordagens atuais de cima para baixo (*top down*). Por isso a relevância do *Placemaking*. “Evitar não-lugares (*placelessness*), já que é de a natureza humana cuidar dos espaços quando de alguma maneira nos preocupamos com eles” (TAVARES, 2017).

Essa estratégia de tomada dos lugares deve firmar amarrações urbanas concisas, como o que é pretendido na Praça Victor Civita; “a ativação de um espaço é necessária justamente porque o projeto urbano falhou” (TAVARES, 2017). O debate sobre a transformação local deve ser cotidiano, como salienta a autora citada, as escolhas necessitam ter atributos que os usuários gostem para desenvolverem uma trama intrínseca com essas áreas, independentemente do tamanho.

O *Placemaking* é uma temática de melhoria dos espaços urbanos, baseado sobretudo no desenho e no planejamento, buscando agir para revitalizar os espaços públicos, promovendo a utilização pela sociedade. Como demonstra Tavares (2017) questões como asseios, segurança, comodidade e beleza são indispensáveis para a construção social dos lugares.

Esta proposta também faz uso das tecnologias sociais, “para definir produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social” (BARRETO e PIAZZALUNGA, 2012, pág. 04).

Trata está de concentrar os conhecimentos acadêmicos e tecnológicos, dos membros da comunidade em inovação, visando melhorar a qualidade de vida dela própria, pela sua autonomia no planejamento e implementação, ainda mais em locais que tenham vulnerabilidade social.

Por isso a vinculação das práticas de recuperação da Praça Victor Civita para transformação em Praça da Madeira será através da participação de uma escola próxima, a ETEC Guaracy Silveira; “Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 1998, pág. 46)

De acordo com Bava apud Soffner (2014) tecnologias sociais são compostas por técnicas e métodos que estimulam a cidadania, absorvendo conhecimentos inovadores que vão ao encontro da sociedade. Assim o papel desta metodologia neste trabalho é uma interação recíproca com a comunidade local, haverá uma preocupação na formação dos alunos participantes com a interação social, pela junção do ensino produzido na escola e a execução de projeto de recondicionamento urbano por todos interessados envolvidos.

“Tecnologias sociais devem, portanto, gerar soluções de transformação social, dentro de uma participação do coletivo (SOFFNER, 2014, pág. 59). Logo através da criatividade será possível implementar novas tecnologias, realizando essa intervenção em um processo de “aprendizagem participativa, colaborativa e inventiva, dentro da lógica educativa social e comunitária e do conceito de práxis educativa” (SOFFNER, 2014, pág. 62).

Portanto, este trabalho visa juntar as estratégias do *Placemaking*, como dito anteriormente, com as tecnologias sociais, em um projeto de pedagogia social. O conhecimento também deve ser na sua razão de existir, testemunhado e vivenciado, bem como destacado por Freire (1998).

Trata-se de uma estratégia tecnologia educacional, buscando soluções para um problema encontrado próximo ao ambiente escolar, sobretudo vivenciado pelos alunos, que são frequentadores da área. A práxis educacional consiste em tentar promover melhoria da qualidade espacial, que viabilize a melhoria da qualidade de vida das pessoas envolvidas, auxiliando no desenvolvimento didático dos discentes e docentes envolvidos, através de uma ação coletiva.

Conforme destaca Soffner (2014), no processo de aprendizagem, uma tarefa é somente absorvida pelo intelecto em uma aula, quando os assuntos são colocados à prova e evidenciadas no mundo real, devendo ser essa atividade acompanhada de reflexão.

Por fim o maior vetor de transformação da Praça Victor Civita em Praça da Madeira será a agroecologia. Conforme afirma Primavesi (2006), na Agroecologia, não se pergunta “O que faço?”, e sim “Por que ocorre?”. O primeiro passo para a agroecologia é o respeito a natureza local, por isso deve-se utilizar todas as interrelações dos seres vivos presentes, a busca é pela compreensão do solo e da vegetação, para que haja uma melhor simbiose destes dois

componentes. “Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida”. (PRIMAVESI, 2006, p. 10).

“Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado, (PRIMAVESI, 2006, pág. 09). Como a área foi adaptada à agricultura convencional será necessário acomodar as práticas antes realizadas nos canteiros existentes. Tal prática pode auxiliar no acesso da comunidade em espaços públicos inclusivos, existe um grande interesse de grupos de usuários da praça na agroecologia urbana.

De acordo com Lattuca (2010) no desenvolvimento da agricultura urbana, é possível abordar diversas questões sociais relacionadas a alimentação e à inclusão social, além de trazer a temática de proteção ambiental. Assim, pode se considerar que a Agroecologia urbana como meio de transformação social em momentos críticos. Os envolvidos no plantio e cuidado agroecológico pode auxiliar no desenvolvimento de um cidadão mais consciente do seu papel na construção de espaços urbanos melhores e acessíveis para a sociedade.

A escolha da agroecologia propicia que um indivíduo urbano entre em contato com o solo e estabeleça um vínculo produtivo e solidário com ele, promovendo a valorização na reprodução do espaço. “A Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais”. (PRIMAVESI, 2006, pág. 09).

A proposta é exatamente essa, propiciar o envolvimento da comunidade com a Praça pela interação, sobretudo para a reconstrução da paisagem e atenção a manutenção das plantas e equipamentos. Assim será possível reconectar os indivíduos de que residem frequentam a praça, com o espaço urbano, com a natureza e a produção de alimentos.

3.3 Métodos de Análise

Como a premissa básica do *Placemaking* é ouvir as demandas da sociedade presente, o primeiro passo foi identificar quais as características principais dos frequentadores da Praça Victor Civita. Foram classificados quatro grupos de interesse: participantes do “Coletivo Praça Vita”, entregadores por aplicativo, moradores de rua e alunos da ETEC Guaracy Silveira. Além disso foi elaborado um questionário fechado no *google forms* a ser preenchido pelos grupos de interesse, com o intuito de discutir os pleitos dos frequentadores.

O primeiro grupo o do “Coletivo Praça Vita” é, obviamente, o mais heterogêneo, pois é sobretudo formado por moradores próximos a Praça que formaram esse grupo para arrecadar fundos e desempenhar atividades, visado a reconstrução da praça após a saída do Grupo Abril.

Dentro desse coletivo, destacam-se aqueles que tinham um pequeno espaço de horta, ainda durante a gestão da Editora Abril; outro subgrupo, representado por pessoas que praticavam ioga e pilates na praça, utilizando a ocorrência de muita sombra e do piso de madeira, que viabilizava tais atividades. Ainda existe a presença de um subgrupo de teatro autônomo que ensaiava na praça, pois há um palco e um camarim, que mesmo sem manutenção ainda serve como um equipamento cultural. E, por fim, moradores dos arredores, que frequentam esporadicamente, porém encontram-se preocupados com a situação precária, principalmente no quesito segurança e conservação.

O “Coletivo Praça Vita” será um parceiro fundamental na execução desse projeto de introdução da Permacultura no local e na sua transição para Praça da Madeira, não somente pelo engajamento, mas também pelos projetos que já são desenvolvidos na área.

Um segundo grupo, muito presente no local, é o dos entregadores de comida por aplicativo; como Pinheiros é um bairro gastronômico da cidade de São Paulo, existe uma demanda muito grande por esse profissional. Em geral, não residem no bairro, são homens, jovens, alguns menores de 18 anos, que ganham a vida neste trabalho precário e mal remunerado, sem nenhum vínculo trabalhista e direitos sociais, eles utilizam a praça sobretudo no horário das 11 horas da manhã às 15 horas da tarde como base de descanso, aguardando serem chamados pelos restaurantes e lanchonetes para suas entregas.

Importante ouvir as demandas desse grupo, tendo em vista ter aumentado sua permanência no local, principalmente durante a pandemia, os vínculos são diferentes do coletivo retratado anteriormente, porém necessitam de um espaço adequado ao seu pouso.

Outro grupo presente, o terceiro, em grande quantidade e que se encontra ainda em maior vulnerabilidade social são os moradores de rua. Depois da implementação do “Projeto Nova Luz”, que almejava uma reconstrução do centro de São Paulo, principalmente após 2016, houve uma diáspora de moradores de rua e usuários de drogas e álcool de algumas ruas centrais da cidade de São Paulo. Um grupo grande dessas pessoas em situação de rua vieram a habitar na Praça Victor Civita, principalmente pela facilidade de acesso, a presença de água potável e as possibilidades de abrigo que existe na praça, pela presença de construções cobertas abertas.

É muito difícil a resolução deste problema de âmbito social e de complexas políticas públicas, assim como subsidiar todas as necessidades desse grupo, porém a agroecologia e a reconstrução de algumas instalações que são propostas nesse trabalho, pode suprir algumas das necessidades.

O quarto e último grupo a ser ouvido e inserido no processo de transformação da Praça Victor Civita são dos alunos da escola técnica próxima, a ETEC Guaracy Silveira. O colégio fica a cerca de 10 minutos de caminhada da praça e, aproximadamente, 750 metros.

Algumas especificidades dessa escola auxiliam na proposta, além da proximidade entre os locais.

A primeira é que por ser uma escola técnica existem cursos integrais com uma base de ensino médio e uma base de ensino profissional. São eles: técnico em edificações, técnico em eletrônica, técnico em meio ambiente, técnico em marketing e técnico em design de interiores.

A segunda é que os alunos desses cursos, entre os intervalos das aulas práticas e teóricas, utilizam a “Praça da Madeira”, como ela é conhecida entre os alunos, para atividades de descanso e lazer. Ou seja, conhecem os problemas e debatem as possíveis soluções na praça no seu dia a dia.

A proposta central é usar de tecnologias sociais, principalmente como pedagogia social, juntando a necessidade de recuperação da praça e as práticas pedagógicas da escola em questão. Tendo em vista que os alunos para serem aprovados no terceiro ano do ensino médio, devem ser aprovados em um trabalho de conclusão de curso, que deve ter um caráter prático e de formação profissional.

Existe uma reciprocidade entre os cursos e as necessidades da Praça Victor Civita. Os alunos de técnico em edificações podem trabalhar projetos de recuperação das áreas

construídas, como o palco, os camarins, a arquibancada e especialmente o deque de madeira, que necessita de um projeto alternativo de reforma ou substituição, por alguns locais estarem bem debilitados.

O curso técnico em eletrônica pode desenvolver projetos em eletricidade, a praça tem déficits de iluminação, o que acarreta problemas de segurança e conforto, além da iluminação das áreas edificadas terem sido destruídas, pelo abandono e por vandalização, é possível reaver a energia solar nos prédios, trabalhando com energia sustentável, caráter já demonstrado no projeto arquitetônico original.

Já os alunos de “meio ambiente” têm um campo cheio de possibilidades, a primeira seria a revitalização do jardim filtrante e a análise química do espelho de água. Esse grupo também será vetor da agroecologia, desde o preparo e estudo do solo, até laboratório de plantas e estudo da viabilidade de biorremediação do solo.

Os alunos de “marketing” podem trabalhar com os “4 ps” da praça (promoção, produto, preço e praça). É notório que hoje o local necessita de um investimento social, como é feito através de iniciativas do Coletivo Praça Vita, pela coleta de contribuições pela “vaquinha virtual”. Os alunos de “marketing” podem auxiliar com propostas de exposição da praça e de suas atividades na mídia e *crowdfunding*.

Por fim os alunos de “design de interiores” têm um potencial de trabalhar o conforto visual da Praça Victor Civita, além da recomposição de materiais existentes, visando retirar a paisagem de abandono atual, novos projetos de desenho visual, que reconectem as áreas de uso coletivo, como o centro da terceira idade, equipamentos de ginástica e bancos expostos ao sol, com a comunidade de frequentadores da praça.

4 RESULTADOS

4.1 *Placemaking*

Nas respostas dos questionários foi privilegiado entender as vontades dos grupos de interesse, por isso ele foi distribuído do dia 22/07/2021 a 26/07/2021, de forma a chegar aos integrantes de todos. Foi então solicitado via grupos de coletivos no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, a pessoas pertencentes ao Coletivo Praça Vita que respondessem o questionário, aos alunos da ETEC Guaracy Silveira e a integrantes de trabalhadores de entrega por aplicativo. Este último grupo teve participação menos expressiva, tendo em vista que os pesquisadores não tiveram acesso a grupos mais amplos e tiveram que solicitar individualmente para algumas pessoas que conhece e trabalha neste sistema que respondesse ao questionário.

O questionário foi respondido por 45 pessoas no intervalo registrado, a primeira pergunta foi sobre o conhecimento do conceito de *Placemaking*, 68,9% não conhecem o termo, o que denota a necessidade de apresentação conceitual e a ampliação do debate sobre a pertinência da construção dos lugares e da permacultura urbana.

Dezesseis pessoas indicaram que não conhecem a Praça Victor Civita, prováveis alunos da escola técnica, ingressantes em 2020 e 2021, que em decorrência da pandemia não tiveram aulas presencias na escola. Sobre a necessidade de a praça ser reformada, 60 % acreditam que

ela necessita, ou seja, praticamente quem conhece a praça, reconhece a necessidade de reforma.

Neste quadro, a questão que levou maior divisão de respostas, foi sobre se os espaços públicos na sua cidade estão abandonados; 42,2% disseram algumas, 8,9% não e 48,9% sim; isso aponta a diversidade e desigualdade espacial presente em regiões metropolitanas, existem praças periféricas extremamente abandonadas, praças centrais que por serem em locais de grande circulação tem parcerias públicos privadas de manutenção e locais onde pela pressão popular as praças são ocupadas e dotadas de cuidado.

Quanto a intervenção em espaço público 51,1% disse que nunca fez e 48,9% disseram que sim, o que aponta uma possibilidade de trazer experiências já existentes nesse tipo de prática, e inserir uma parcela da sociedade neste processo de operação social. O ponto frágil da pesquisa se deu quanto a participação de pessoas que já trabalharam ou trabalham em aplicativos de entrega, somente 06 perguntados faziam parte deste nicho.

O ponto positivo é que 91,1% acreditam que a sociedade deve ser ouvida sobre as demandas e necessidades dos locais, o que demonstra uma confluência entre o pretendido neste trabalho e o desejo dos interessados para o ambiente urbano. Porém, este ponto não foi tão consensual quanto a gestão do espaço público; 60% acreditam que a comunidade tem capacidade de gerir, enquanto 17,8% não tem opinião formada. Apesar de apresentar número inferior aos que acredita em uma gestão popular da praça, uma parcela significativa mostra desconfiança quanto a viabilidade desta autonomia.

A segunda sessão do questionário abordava uma lista de atividades que os questionados pensam ser importante ter numa praça. Tal lista foi baseada em ações já presentes na praça Victor Civita, mesmo que de maneira informal, e outras que estão sendo pautadas pelos grupos de interesse identificados. Os questionados tinham que enumerar de 1 a 5, sendo 1 “pouco importante” e 5 “muito importante”, foram disponibilizadas: atividades culturais, atividades esportivas, horta, espaços de contemplação da natureza, espaços de descanso coletivo, ciberespaço, áreas para animais, *wi-fi*, espaços de exposição e educação ambiental.

A atividades culturais, como teatro, música e cinema, foram consideradas por 53,3%, como muito importante, o que destaca a necessidade de recuperação dessas estruturas, que atualmente mesmo sem amparo de manutenção são utilizadas. Curioso que as atividades esportivas, como caminhada, ginástica, Hyoga e pilates, foram consideradas muito importante por 71,1% das pessoas. Nota-se que esta não é uma atividade primária da Praça Victor Civita, pois os espaços esportivos são pequenos e sem destaque na Praça, contudo, principalmente após o processo de abandono os frequentadores esportivos ganharam protagonismo, e isso deve ser levado em conta quando considerada a transformação para Praça da Madeira.

Já a horta, que é pelo projeto arquitetônico inicial a principal atividade de praça, e motor das transformações propostas neste trabalho, contou com 64,4% de muito importante. Enquanto espaços de contemplação da natureza, teve 82,2% de muito importante. Admirável salientar que uma atividade não exclui a outra, principalmente por tratar-se de sugestão de horta agroecológica, em contraponto a horta de métodos tradicionais que existiam na Praça Victor Civita. Ainda aponta uma característica marcante da cidade de São Paulo, a carência de espaços que propiciem o encontro do morador urbano com a natureza. Entende-se que a permacultura e a horta agroecológica pode ser um remediador deste déficit.

Quanto a espaços de descanso coletivo, 36 pessoas entenderam ser muito importante. Essa atividade foi voltada para os entregadores por aplicativo e alunos da ETEC no interstício de aula, tendo em vista que em geral, os outros grupos que frequentam a praça desempenham uma atividade ativa. Bom destacar que neste ponto existe uma concorrência entre os espaços de atividades culturais e esportivas e de descanso coletivo, já que durante a estadia na praça, tanto os entregadores de aplicativo quanto os alunos descansam em áreas como o palco e o deque de madeira, utilizados para fins esportivos e culturais. Necessário uma discussão democrática quanto a ocupação temporal.

Outra demanda urbana recorrente, sobretudo em regiões metropolitanas, é o espaço para animais de estimação (pets), muitas praças e parques na cidade de São Paulo ganharam jardins de cães nos últimos anos, por demanda de parte da sociedade. Apesar de 51,1% achar muito importante, este espaço é indevido na Praça Victor Civita, por dois fatores: o deque de madeira não pode receber fezes e urina de animais, pelo risco de ter o material degradado; as áreas de solo exposto, ou estão contaminadas ou serão ocupadas por horta agroecológica. Durante a administração da Praça pela Editora Abril sequer era permitida a entrada de animais domésticos.

Grande surpresa foi o resultado do ciberespaço e do *wi-fi*, o ciberespaço teve uma participação de 24,4% de pouco importante, além de uma divisão grande de interesses, somente 09 pessoas acharam esta atividade muito importante. Convém destacar que em reuniões recentes com a subprefeitura, este órgão apontou haver interesse de uma empresa em administrar a Praça Victor Civita e instalar um ciberespaço, como computadores e acesso livre a internet no local do antigo incinerador, para instalação de uma empresa de inovação e empreendedorismo verde. Quanto ao *wi-fi* apesar de 42,2% dos questionados acharem muito importante, houve uma pulverização das opiniões. Porém é uma demanda frequente dos entregadores de aplicativo e dos alunos da escola técnica, e o *wi-fi* não sobrepõe outras atividades.

Falando de sobreposição de atividades, as duas últimas questões apesar de abordar temas distintos, são consoantes com a utilização do mesmo prédio: o antigo incinerador. Para 44,4% dos questionados espaços de exposição como museus e amostras são muito importantes. Evidente que o prédio já foi reformado e adaptado na reforma da Editora Abril para receber amostras e exposições, porém durante os 10 anos de administração privada houve poucos eventos e praticamente todos voltado para um público que não frequenta a área.

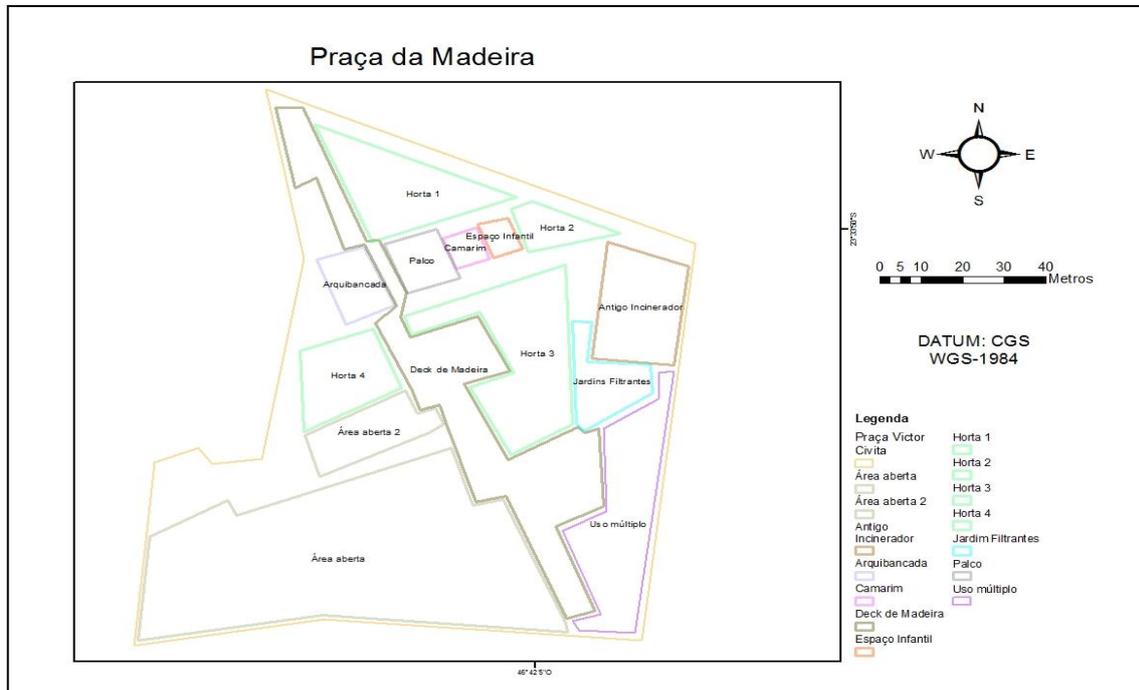
Número não surpreendente, foram os 80% de pessoas que consideraram educação ambiental como muito importante; na prática a própria existência da Praça Victor Civita, que teve um viés sustentável, e sua localização próximo a SABESP e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente corroboram com essa função social do local, por isso será essa atividade um destaque na transformação do local para Praça da Madeira.

4.2 Praça da Madeira

A transformação da Praça Victor Civita em Praça da Madeira passa por essa readequação dos espaços, privilegiando as decisões dos grupos frequentadores e construindo o

local de acordo com os conceitos de Permacultura, de forma a pensar em soluções baseadas na natureza e um design apropriado ao contexto local, como segue:

Figura 2: Projeto Praça da Madeira



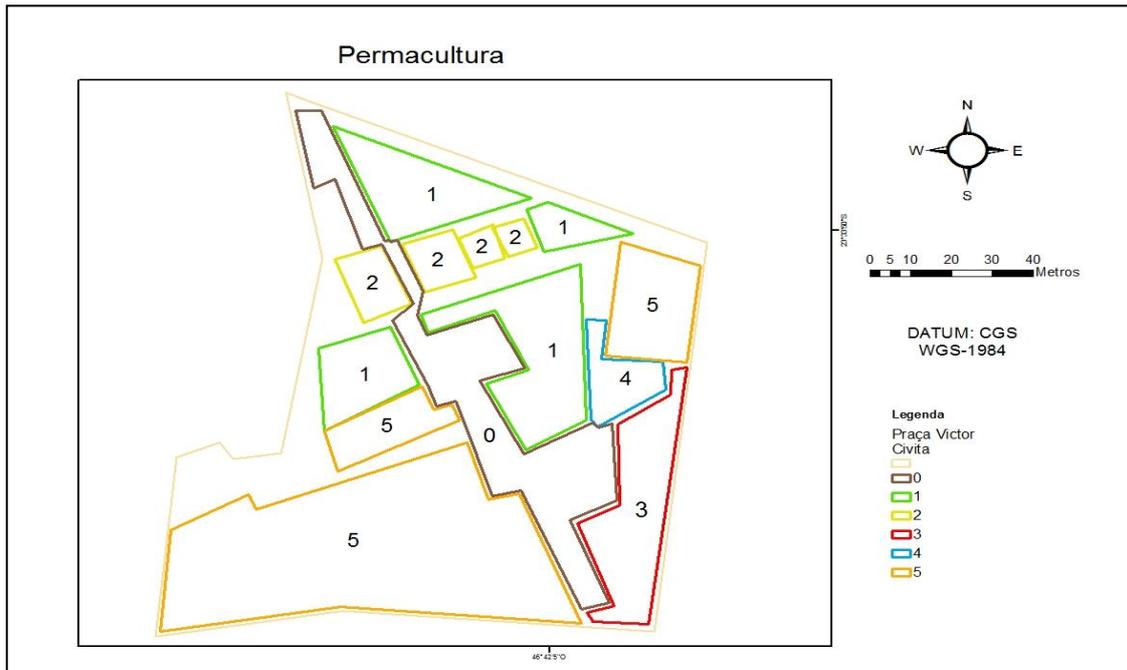
Fonte: produzido pelos autores, 2021.

Com base no observado nas pesquisas e as possibilidades levantadas por observação direta e levantamento bibliográfico, foram selecionadas as seguintes áreas como viáveis a intervenção, tendo como método a Permacultura: áreas abertas, antigo incinerador, arquibancada, camarim, deque de madeira, espaço infantil, hortas, jardim filtrantes, palco e área de uso múltiplo.

Prezando pelo equilíbrio, preceito básico da Permacultura, foi realizado o zoneamento da Praça da Madeira. “As “zonas” são estabelecidas de acordo com o fluxo energético de cada área do espaço a ser planejado, e se trata de uma classificação (que vai de zero a cinco) que enumera quais serão as áreas mais e as menos trabalhadas em um sistema” (FERREIRA-NETO, 2018, pág. 80).

Como a Praça não deve ser um local de moradia, apesar de servir de forma precária por moradores de rua em situação de vulnerabilidade, a **zona “0”** foi identificada como o deque de madeira. Além de ser o local de movimentação dos visitantes, ela dá acesso aos diversos espaços, servindo de passarela sobre os solos contaminados e sendo o vínculo entre a velha e a nova praça, pelo perfil de destaque na paisagem os frequentadores apelidaram o local de “Praça da Madeira”. Ou seja, o deque ressignificou o local, ao ponto de ser a característica física mais atrelada a afetividade.

Figura 3: Proposta Permacultura



Fonte: produzido pelos autores, 2021.

A **zona "1"**, tido como o centro da atividade serão os quatro espaços de horta dentro da Praça da Madeira, tendo em vista o local ter sido elevado destaque no projeto arquitetônico inicial, existem espaços ideais para a implementação da agroecologia, como veremos adiante.

A **zona "2"** são os espaços culturais (palco, camarim e arquibancadas), apontados pelo questionário e por observação como certa prioridade na Praça, após o seu abandono apareceu como movimento espontâneo e de bastante participação popular. Por isso foi entendido como uma zona de maior intensidade. Cabe salientar que será necessária uma intervenção através da tecnologia social, sobretudo pela participação dos alunos cursantes de ensino técnico da ETEC Guaracy Silveira, para reforma e adequação destes espaços.

O espaço de uso múltiplo é entendido como **zona "3"**, este ponto não foi muito privilegiado no projeto arquitetônico original, porém ganhou protagonismo porque passou a ser frequentado pelos entregadores de aplicativo e pelos alunos da escola técnica. Estes utilizam os canteiros de árvores e calçadas como locais para deitar-se e pousio durante os interstícios de entrega de encomendas e de aula. Evidente a necessidade de equipamentos para descanso e de *wi-fi* gratuito, algo que já foi solicitado junto a subprefeitura de Pinheiros e pode ser acelerado pela realização desse projeto.

Como **zona "4"** foi apontado o jardim filtrante, o local funciona como drenagem das águas residuais pluviais, importante equipamento em se tratando de uma área na região metropolitana que sofre de enchentes. Teve parte de sua eficiência diminuída pela vegetação indevidamente cortada. Caberá aos alunos do curso técnico em meio ambiente da ETEC Guaracy Silveira reestabelecer a vegetação apropriada e reaver a função do jardim filtrante, além de fazer o acompanhamento da sua eficiência através do monitoramento e análise da água. Além disso pode ser uma importante ferramenta de educação ambiental, apontado nas pesquisas como

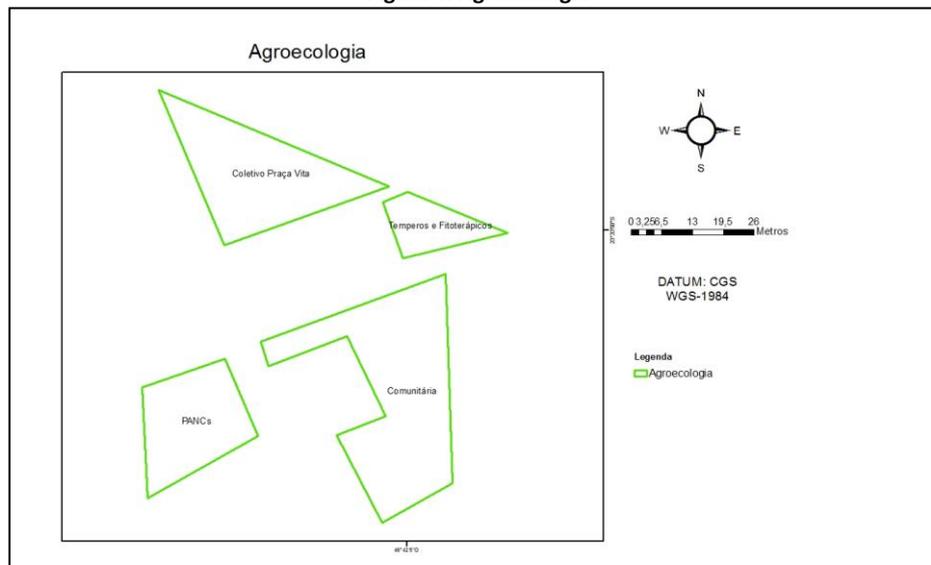
sendo algo muito importante em uma praça, serve tanto de modelo de estudo técnico, como em metodologia de manejo da água em locais iguais a cidade de São Paulo, que trata a água da chuva como inimiga e sofre de escassez hídrica e inundações.

A **zona “5”** são os espaços abertos, estes espaços têm vegetação arbórea e arbustiva, contribuindo para a contemplação da natureza, item muito relevante de acordo com o questionário. Porém por serem locais com contaminação do solo devem ser mantidos sem nenhuma interferência antrópica. Eventualmente, pode haver análises do solo nesse local e projetos de biorremediação proposto pelos trabalhos de conclusão de curso dos alunos da ETEC.

Outra área classificada como **zona “5”** foi o antigo incinerador, no projeto arquitetônico inicial ele foi reconstruído como centro de intervenções culturais e amostras, porém ficou ocioso por um tempo. A subprefeitura tem planos para o local, o único na praça que conta com certa manutenção periódica, há diálogos para tornar-se um ciberespaço voltado ao empreendedorismo verde, por outra parceria público privada. A proposta é que, caso haja realmente a parceria, seja possível um retro-investimento na manutenção da Praça como um todo, mas por enquanto não é possível estabelecer projetos para o prédio.

Sobre a agroecologia urbana, foi necessário fazer uma setorização das áreas em encontro aos conceitos de Permacultura. Para Ferreira Neto (2018), os “setores” são as díspares de energias vindas de fora, devendo ser consideradas no momento de fazer o design, como segue:

Figura 4: Agroecologia



Fonte: produzido pelos autores, 2021.

Essa setorização da agroecologia foi elaborada com base nas características físicas e naturais da praça e nos processos e desejos já estabelecidos na área. A horta “1” foi definida como cedida ao Coletivo Praça Vita, que já desempenha essa atividade no local, plantando sobretudo verduras e legumes da estação e recentemente realizando minicurso de agricultura sintrópica e biodinâmica. É um local com muito sol durante todo período do ano, porém tem certa distância da fonte de água; como alguns integrantes do Coletivo Vita tem estado frequência diária no local, não há problema em fazer a rega de maneira manual.

Convém salientar que no projeto a Praça Victor Civita contava com um equipamento de irrigação automático, contudo esse sistema está muito depreciado, e sua reforma é inviável. Além do mais a irrigação automática contraria os princípios da permacultura e da agroecologia, que consiste em reduzir o desperdício, diminuir as dependências de coisas fora do sistema e utilizar os recursos disponíveis no local.

O espaço de horta “2” é muito coberto pela sombra das árvores, porém está perto da fonte de água e é o menor espaço para produção. Hoje encontra-se sem cultivo, porém dado as características pode ser um canteiro agroecológico de temperos e fitoterápicos, que seria administrado pela comunidade em consórcio, tanto o Coletivo Praça Vita quanto os alunos da ETEC Guaracy Silveira.

O espaço mais democrático de utilização e com maiores possibilidades de desenvolvimento da agroecologia será a horta “3”. Este local consta com algumas áreas com bastante incidência de raios solares e outros que por estarem debaixo do dossel não entra muita luz solar, o que facilita a diversidade na produção, um dos objetivos da agroecologia. Os locais com maior incidência de raios solares estão próximos a fonte de água, o que auxilia no equilíbrio hídrico das plantas e os locais embaixo do dossel tem bastante matéria orgânica das árvores, o que garante a ciclagem de nutrientes e a umidade do solo.

Esta área foi tida como comunitária porque ela pode ser compartilhada entre o Coletivo Vita, os alunos da ETEC Guaracy Silveira e qualquer outro indivíduo disposto a trabalhar com o solo. Porém, destaca-se que toda produção deve ser cedida as pessoas em vulnerabilidade que habitam ou frequentam a praça, dando prioridades para alimentos in natura que podem ser consumidos cru ou de rápido preparo, inclusive a ideia é inserir esses vulneráveis na produção.

A horta “4” será o espaço das plantas alimentícias não convencionais, tendo em vista as características da área, pouco sol e longe da fonte de água, essas plantas são mais resistentes, nascem e crescem de forma espontânea, podendo usufruir de todos os atributos dessa localização. Os alunos da ETEC Guaracy Silveira têm desenvolvido trabalhos de conclusão de curso nesta área e tem aumentado o interesse urbano pelo tema. Este canteiro também pode servir de alimentação aos vulneráveis e instrumento de educação nutricional e ambiental a interessados

5 CONCLUSÃO

Esta proposta teve como meta a implementação da Permacultura em um espaço público urbano, utilizando como subsídio o *Placemaking*, as tecnologias sociais e a agroecologia; com vistas a transformar a Praça Victor Civita, que já foi um modelo de lugar sustentável e recriação dos lugares. Porém após o término da parceria público privada e certo abandono do poder público, houve necessidade de um projeto de revitalização para Praça da Madeira. “É uma história que deve ser registrada, conhecida e fonte de inspiração para muita gente que busca na permacultura uma ferramenta de transformação estrutural e substancial de nosso mundo e sociedade” (FERREIRA NETO, 2018, pág. 228).

Pela característica dessa Praça ser um local de trânsito e de permanência passageira, existe a necessidade de sempre ouvir os grupos de frequentadores, por isso entende-se que

deverá haver pesquisa constante das demandas, devendo ser a base de qualquer rearranjo espacial deste lugar.

Sobre isto, este trabalho faltou avançar nas necessidades dos entregadores de aplicativo e moradores de rua residentes na Praça, para aumentar a amplitude deveria ser feito entrevistas com esses grupos, tendo em vista que o questionário, ou não atinge parte desse público, ou atingiu outra parte com uma amostragem pequena.

Contudo a construção de vínculos e parcerias com a comunidade, desde um coletivo social de interesse mútuo, a escola técnica próxima para desenvolvimento de uma pedagogia social, mostra que este trabalho pode encontrar êxito, transformando a Praça da Madeira em um lugar vivo, de interação social, pela autonomia da sociedade e atividades de conexão entre a natureza e as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHDAILY. **Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch**. São Paulo: Archdaily, [2007]. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>. Acesso em: 20 jul. de 2021

BARRETTO, S.; PIAZZALUNGA. R. Tecnologias Sociais. **Ciência e Cultura**, Campinas, 12 abr. 2012. Tendências, (64) 4.

Coletivo Praça Vita. **Coletivo Vita**. São Paulo, 15 dez. 2019. Facebook: <https://www.facebook.com/search/top?q=coletivo%20pra%C3%A7a%20vita>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FERREIRA NETO, D. N. **Uma alternativa para a sociedade**: caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil. 1ª. ed. São Carlos: Edição do autor, 2018. v. 1. 318p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GRUNOW, E. Praça Victor Civita, museu aberto da sustentabilidade. **Revista Projeto Design**, São Paulo, n.349, p. 44-51, mar. 2009.

PRAÇA VICTOR CIVITA: Praça Victor Civita: Pinheiros, São Paulo: Praça Victor Civita, 2021. [Google Maps] Disponível em: <https://www.google.com/maps/dir/Pra%C3%A7a+Victor+Civita+-+Pinheiros,+S%C3%A3o+Paulo++SP/Etec+Guaracy+Silveira++Rua+Ferreira+de+Ara%C3%BAjo++Pinheiros,+S%C3%A3o+Paulo++SP/@23.5638578,46.7018562,17z/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x94ce57af00a7830b:0x1fe33fc857189308!2m2!1d46.7020422!2d23.5645057!1m5!1m1!1s0x94ce57a5118d5a3b:0x7892e9568017e82a!2m2!1d46.6971418!2d-23.562361>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SÃO PAULO. **Atas e Anais da Câmara Municipal de São Paulo**. São Paulo, SP: Câmara Municipal, [2021]. Disponível em: https://www.saopaulo.sp.leg.br/static/atas_anais_cmsp/anadig/Sessoes/Ordinarias/414SO14.pdf. Acesso em: 23 de julho de 2021.

SÃO PAULO. Legislação Municipal. **Projeto Nova Luz**. São Paulo, SP: Prefeitura Municipal, [2011]. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/desenvolvimento_urbano/arquivos/nova_luz/201108_PUE.pdf. Acesso em: 21 de julho de 2021.

SOFNNER, R. Tecnologia Sociais e práxis educativa. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, vol. 19, n 1, p. 57-62, jan. abr. 2014.

TAVARES, Silvia. Placemaking , urbanismo e o futuro dos espaços públicos. **Placemaking Brasil**, São Paulo, segundo semestre de 2014. Disponível em: <http://www.Placemaking.org.br/home/>. Acesso em: 21 de jul. 2017.